

Viagens da Saudade

Coordenação

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

Organização

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário
Paulo Borges
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa
Nuno Ribeiro
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Itinerários da Saudade: uma aproximação com Samuel Beckett

Resumo: A partir da saudade como sentimento radical do homem³¹⁴, sentimento unificador, porque mediação dinâmica de pólos extremos (a esperança e a angústia)³¹⁵, procuro reflectir sobre expressões da saudade naquilo que também é humanamente distintivo: a criação artística, esta «Vida espiritualizada ou o tempo intemporalizado»³¹⁶ que alimenta o impulso humano de aproximação ao infinito.

No âmbito da minha apresentação sirvo-me do teatro, uma das expressões artísticas onde se sabe do sentimento na relação íntima da palavra com o silêncio, com os espaços e os tempos da sua pronúncia e da sua ausência. E particularmente da peça de Samuel Beckett «À Espera de Godot», de 1952. Desta me aproximo sob a luz dum possível entendimento da saudade fora de portas lusas e galegas: é lá, aonde formos, que procuraremos encontrar a presença, a partilha e a comunicação de vivências outras da saudade.

Palavras-chave: filosofia da saudade, Beckett, alteridade, discurso da ausência, discurso da espera.

Itineraries of Saudade: an approach whit Samuel Beckett

Abstract: Starting from *saudade* as a radical human feeling³¹⁷, a unifying feeling which dynamically mediates two extreme poles (hope and anguish)³¹⁸, I seek to reflect on the expressions of *saudade* in that which is also distinctively human: artistic creation, the «spiritualised life or untemporalised time»³¹⁹ which feeds the human impulse of approaching infinity.

In this lecture, I seek to address theatre, one of the artistic expressions where we can reflect about feelings using the intimate relationship between word and silence and the spaces and times where it is either uttered or absent. Specifically, I will draw my attention to Samuel Beckett's *Waiting for Godot* (1952). Bearing in mind the possibility of understanding *saudade* beyond Portuguese and Galician boundaries, we will start a journey and, wherever it may lead us, we will strive to find the presence, sharing and communication of different experiences of *saudade*.

Keywords: philosophy of *saudade*, Beckett, otherness, discourse of absence, discourse of waiting.

* Faculdade de Letras, Universidade do Porto. Mestranda do Mestrado de Filosofia Contemporânea. (e-mail: irandina.afonso@sapo.pt).

³¹⁴ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., pp 47-55.

³¹⁵ QUEIRUGA, *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op. cit.

³¹⁶ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., p. 70.

³¹⁷ PIÑEIRO, Ramón, *Filosofia da Saudade*, Galáxia, Vigo 1984, pp. 47-55

³¹⁸ QUEIRUGA, Andrés T., *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, Vigo 1980.

³¹⁹ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., p. 70.

(...) enfim enfim abandonados inacabados o crânio na Normandia apesar do ténis o crânio enfim as pedras Conard (luta, gritos finais) ténis... as pedras... tão calmas...Conard...inacabados.

Lucky em *À Espera de Godot*, de Samuel Beckett.

Esta será uma incursão assumidamente labiríntica que quer fazer jus à ipseidade da saudade porquanto esta é o «conhecimento interior que cada pessoa tem de si mesma em relação com o que é outro»³²⁰. Em domínio assim singular, porque subjectivo, mas partilhável, ensaio no cenário e argumento de Beckett diversos significados da palavra saudade e legados da filosofia da saudade. Neste labirinto, o fio de Ariadne será a semelhança entre esses conceitos do âmbito da saudade e a espera, o silêncio, a procura de sentido e a ausência que os personagens principais, e representantes da humanidade, experienciam pela mão do dramaturgo irlandês.

Ao meu olhar, a saudade perpassa os espaços de «*À Espera de Godot*» em mais do que uma forma. Como sentimento metafísico porque a queda humana, Deus, o Mal são temas de conversas entre os personagens. Como sentimento saudoso social/relacional, se assim posso denominar (na dialéctica senhor-escravo, na temática da liberdade, na frágil distinção entre sonho e realidade a que Vladimir alude ao longo da peça). Como sentimento saudoso ontológico. E finalmente como sentimento da razão cindida. A arquitectura do meu texto não foi, porém, desenhada para fazer corresponder textualmente e por ordem cada uma destas possibilidades à leitura do enredo. Apenas as tenho presentes e senti que devia pô-las em breve relevo para depois, subentendidas, todas poderem ser movidas mais ou menos fluidamente, interpenetrando-se e dialogando, para tornar esta reflexão uma espécie de mimese do fluir multidisciplinar da saudade, que é naturalmente avesso a fronteiras e apartado de nacionalidades.

Um cenário para a Saudade: à meia-luz, uma pedra, uma árvore

³²⁰ GOMES, Pinharanda, *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Dom Quixote, Lisboa 1987, p. 210.

Uma estrada no campo, uma árvore negra despida que subitamente reverdece no segundo acto e uma pedra sobre um monte de terra são os elementos cénicos que acentuam o corpo do vazio. Um vazio que mais não é do que o prolongamento do interior dos protagonistas. Ajudam a dramatizar as movimentações caóticas e a marginalidade de Vladimir e Estragon. E entenda-se também esta errância, a um tempo, metafísica (pela perda de confiança num Deus e pela perda da participação no transcendente), individual (porque os fragmentos de memórias pessoais dos personagens remetem para um «eu» que já foi mais luminoso) e histórica (pois não nos é indiferente essa magreza da paisagem como uma terra interior e exterior devastada).

Sob a luz diluída do trânsito entre noite e dia aportada ao palco, por entre vestígios de sonho e de passados, pode sentir-se o movimento duma espiral: a cada volta (ou transição) revela-se uma dialéctica entre componentes de pessimismo e expectativa, de esperança e angústia, de esquecimento e lembrança e de vida e de morte. Aproximamo-nos assim, de limbo em limbo, a algo sucessivamente maior em profundidade e em extensão. Maior do que as circunstâncias físicas e verbais do aqui e do agora, algo que não conhecemos, mas que todavia não logramos tocar. Talvez esse algo seja «Godot». E o quê ou quem poderá ser «Godot»?

Godot: o desconhecido ou o irreconhecível?

Atentemos na palavra «Godot» que, por si só, nada identifica. Podemos interpretá-la de vários modos, tantos quantos os espectadores (para alguns intérpretes, «Godot» é Deus), mas é inegável que a sua significância não se esgota no desenvolvimento dos diálogos. Eu considero-a a palavra que neste contexto denota extensivamente o outro, filosoficamente considerado a alteridade e propriamente a sua irredutibilidade (penso que não ofenderia Beckett com esta interpretação). Tão irredutível e relacional quanto o infinito, outra ideia de alteridade que aqui nos corresponde igualmente. A alteridade sugere-nos esse movimento da intencionalidade atreita à saudade, ao sentimento, que não é objectiva e não totalizante, portanto, mas que não deixa de apresentar a realidade e de implicar o sujeito em todas as suas dimensões, seja depois em harmonia ou desarmonia com o mundo³²¹.

³²¹ QUINTANAR, Miguel, *Colóquio Luso-Galaico Sobre a Saudade*, 2018, no prelo.

São os próprios personagens quem revelam o seu desconhecimento acerca de «Godot», nunca o viram e não sabem o que esperar dele, nem certeza têm de que seja esse o seu nome³²².

Ora, frente ao desconhecido é inevitável perguntarmos pelo seu sentido. O papel da memória seria aqui relevante, mas a memória recente que o primeiro acto poderia representar em relação ao segundo revela-se ineficaz, no sentido em que não assegura nem as identidades pessoais («Godot», Pozzo, Lucky e o Menino) nem as geográficas (Vladimir tem sempre necessidade de confirmar se o local combinado é mesmo aquele em que se encontram), bem como não garante sequer a passagem linear das horas e dos dias (hoje ainda é ontem? O amanhecer é o entardecer? A árvore ganha folhas da noite para o dia?). Não conformando a experiência, a ausência de memória e de temporalidade pode tornar aquilo que se conheceu ontem no desconhecido de hoje ou, o que é mais perturbador, pelo que esse estado traduz em sentimento de perda, no irreconhecível. Como nota Eduardo P. Coelho, num «incessante confronto com o «irreconhecível» - que nem como irreconhecível poderemos reconhecer» - sente-se «a dificuldade em encontrar um fio interpretativo», sente-se «apenas a deserção de sentido e o princípio da aurora. Algo se vai perdendo e, contudo, há qualquer coisa que começa (...)»³²³. Nos interstícios de ausências de referências [temporais, espaciais, pessoais, existenciais] para os personagens, algo permanece e marca a densidade dum tempo interior: permanece um sentimento de começo, de mudança, de abertura ao devir, ainda que este sentir possa esgotar-se no tempo duma noite e, na manhã seguinte, se volte ao ponto de partida.

A tensão que aqui quero evidenciar é o prelúdio duma desconstrução do «não podemos fazer nada» ou do «nada a fazer» que são repetidos por Vladimir em fórmulas diversas³²⁴. Ao olhar menos atento sugerem apenas desistência, pessimismo passivo ou perda do saber o que fazer. Mas vislumbrar que esperar «Godot» constitui já por si uma alternativa pode ser uma brecha de consciência na aparente desconexão de pensamentos, uma forma de lucidez, porque o «nada a fazer» aponta para a busca de outras perspectivas e move a atenção para outras solicitações. Não resisto a partilhar palavras de Silvina Lopes Rodrigues que transfiguram poeticamente o viver de esperas, um dia de cada vez, de Vladimir e Estragon:

³²² BECKETT, Samuel, *À Espera de Godot*, Cotovia, Lisboa 2015[1952], p. 30 - «Estragon Ele chama-se Godot? Vladimir Acho que sim.»

³²³ COELHO, Eduardo P., *A Poesia Ensina a Cair*, INCM, Lisboa 2010, p. 77.

³²⁴ BECKETT, *À Espera de Godot*, op. cit., p. 31 - «Cada um é o que é/ é inútil fugir/ o essencial nunca se altera/ nada a fazer.»

Aprendeste cedo que tudo é disperso. / Belo é estar aqui, sem sufocar, neste abandono em que nada basta e nada falta. Esperar o que não se adivinha, e ler na imensa rocha que condensa as idades o que não é corpo nem espírito: doações do caos, sinais, pegadas, trevas, voos. A própria esperança. (...) ³²⁵

Vladimir e Estragon esperam «Godot», suspeitamos que desde toda a sua vida, e não consumam por isso o suicídio algumas vezes contemplado. É um sentimento de esperança que vela ainda toda esta dramatização. Ao prometer vir no dia seguinte, «sem falta», «Godot» não deixa de constituir um motivo de comparência dos dois amigos ao dia seguinte das suas próprias vidas. É a desmesura da espera que os move a encontrarem meios para desafiar o tempo, para desafiar a morte, para mitigar o absurdo. E não será a vida, ela própria, uma ameaça de vazio e de nada e, ao mesmo tempo, um convite à esperança? Não é a saudade uma força de equilíbrio nessa tensão intra-humana?

O absurdo da espera intensificar-se-ia com as dúvidas que a visão estritamente lógica poderia sustentar *ad eternam* e recursivamente, mas isso não acontece neste palco porque não é da lógica que se trata, mas da interioridade dos personagens. E desse interior irradia para o exterior um sentimento de identidade com a própria espera. Mesmo sem fazer apelo à racionalização pura ou à vontade pura ³²⁶, eles próprios colocam-se perante alternativas de conhecimento e daqui podemos intuir a essencial importância do esperar que configura o ser inacabado. Essa espera é incontornável num sentimento dual onde finitude e infinitude não se reduzem uma à outra, e onde o que é finito deseja o impávido infinito. Sabemos que falamos de saudade mesmo quando o nome não é mencionado: «O homem é um ser que se experiencia não sendo o Ser, mas almejando a plenitude do Ser. (...) O homem é verdadeiramente o «ente», o «diferente», a «infinitude finita». E a saudade é a epifania sentimental dessa situação: é o sabor agri-doce do «entre» e da «diferença» (...)» ³²⁷.

E movendo-se nesse sentimento de indecisão que é afinal estrutural, radical, que é prévio a qualquer determinação ou deliberação ³²⁸, num cenário que tanto parece fim como princípio, vive-se à espera de «Godot», preenchendo o vazio com hábitos e rotinas, interrompidos esporadicamente por vislumbres de pensamento reflexivo. Até o planeamento da sua própria morte se revela como um passatempo mais, como o tagarelar, o jogar ou o imitar, que camufla a lentidão

³²⁵ RODRIGUES, Silvina L., in COELHO, Eduardo P., *A Poesia Ensina a Cair*, op. cit., p. 77.

³²⁶ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., pp. 71-76.

³²⁷ in QUEIRUGA, Andrés T., *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op.cit.

³²⁸ in QUEIRUGA, Andrés T., *Colóquio Luso-Galaico Sobre a Saudade*, 2018, no prelo.

do tempo que o deserto tende a acentuar. Desvirtuando o sentido da morte enquanto exterioridade absoluta que tudo subsume, Vladimir e Estragon escapam-lhe como que por esquecimento e, assim, «Godot» acaba por ser a imagem especular desse sentimento de fuga – esquecem-se de tudo, só de esperar Godot é que eles não se esquecem.

Voltar no dia seguinte ao local da pedra «fechada na sua redondez inconsciente»³²⁹, da árvore inexplicavelmente outra porque reverdece numa só noite como se fosse «um organismo transformador de imateriais invisíveis no maravilhoso espectáculo das coisas!»³³⁰, e esperar por um encontro com o outro preconiza um esboço de resposta prática à pergunta «O que é que nós estamos aqui a fazer?»³³¹ Respondem: «temos o privilégio de por acaso saber a resposta. É verdade, no meio desta imensa confusão apenas uma coisa é clara. Estamos à espera que o Godot venha (...) ou que a noite caia (Pausa.)»³³². A desmistificação operada pela ironia é, enfim, a compreensão de que o sem-sentido é ainda um sentido elegível. À espera do indeterminado, do desconhecido ou do irreconhecível, «outra vez sozinhos, no meio do nada!»³³³ é um desafio e, ao mesmo tempo, um compromisso que poucos estão dispostos a assumir.

No centro da paisagem: a personagem de interioridade livre

Estamos à espera de Godot em paisagens de indizíveis, mas sentindo-os porque as palavras e os conceitos não bastam para saber do humano. «Rigorosamente falando, a consciência deveria regressar ao silêncio»³³⁴, só que também nos silêncios podemos ouvir a consciência. É talvez por isso mesmo que, quando se ouvem, como ouve Vladimir, «todas as vozes mortas» que «fazem um barulho de asas, de folhas, de areia (...)»³³⁵, se apela ao falar só por falar, para preencher os silêncios, para não pensar, para não desistir de esperar, para «evitar o colapso da nossa razão», remata Vladimir.

Estamos à espera de «Godot» em itinerários que nos remetem para o nosso próprio interior e deste centro para o questionamento do que somos e do que é. As paisagens interiores quase desertas são centros operacionais do enredo: são abertura à possibilidade de tudo o que pode vir e preencher,

³²⁹ in QUEIRUGA, *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op.cit.

³³⁰ PASCOAES, Teixeira, in NATÁRIO, Celeste, *Teixeira de Pascoaes Saudade, Física e Metafísica*, Zéfiro, Sintra 2010, p. 63.

³³¹ BECKETT, *À Espera de Godot*, op.cit., p. 106.

³³² BECKETT, *À Espera de Godot*, op.cit., p. 106.

³³³ BECKETT, *À Espera de Godot*, op.cit., p. 107.

³³⁴ STEINER, George, *A Poesia do Pensamento*, Relógio D'Água, Lisboa 2012, p. 93.

³³⁵ BECKETT, *À Espera de Godot*, op. cit., p. 84.

compor, complementar. Ainda, a paisagem deserta não tem um sentido apenas porque, afinal, retém todos os pontos cardeais possíveis. Enquanto esperamos, tudo pode acontecer.

Lembra M. Quintanar³³⁶ que Andrés T. Queiruga defende uma dupla gênese da saudade: estática (como abertura absoluta e mediação) e dinâmica (como momento originário e transcendência), que a sua intenção é mostrar que o campo transcendental da saudade corresponde a essa abertura, ou indecisão prévia (estrutural, e não temporal) a qualquer resposta concreta. É um momento nunca superável. Percebemos essa indecisão em Vladimir e Estragon, que muitos olhares poderão ver como desistência e como um vazio de motivação. Mas a esses olhares escapou, porém, esta condição totipotente da saudade.

Os limites do espaço e do tempo podem, então, redefinir-se a cada passo que damos em qualquer direcção. É um sentido de liberdade que advém do reconhecimento de que cada instante vivido é em simultâneo todos os tempos. Em todos os instantes experienciáveis há, portanto, futuro - «o futuro é a aurora do passado»³³⁷. E não é a liberdade um sentimento de intimidade radical do humano, o mesmo que Piñeiro identifica com a Saudade por esta revelar a singularidade do homem?³³⁸

Partilhamos enquanto humanidade os afectos da espera por «Godot» que relembro são, segundo R. Piñeiro, a angústia e a esperança, pólos ontológicos do ser humano. No seu meio, e como base potencial de ambos, vê a saudade, que por isto mesmo é considerada um estado pré-ontológico ou de indeterminação ontológica.³³⁹ Assim sublinha-se a saudade como máxima amplitude e máxima profundidade do experienciar humano a que faço corresponder a itinerância em espiral de Vladimir e Estragon que sugeri de início.

Percebe-se na peça a ausência dum objecto determinado, seja real ou imaginário, ao qual o sentir esteja dirigido ou intentado. Assim como na saudade, o objecto poderá ser o puro sentir³⁴⁰, e paradoxal porque aproxima e afasta, lembra e esquece, alegre e entristece os personagens da peça. A saudade pode alimentar a espera enquanto esperança, pode dar-lhe a possibilidade de sentido, pode motivar à adaptação ou à superação das solicitações interiores e exteriores ao sujeito.

³³⁶ QUINTANAR, Miguel, in *Colóquio Luso-Galaico Sobre a Saudade*, 2018, no prelo.

³³⁷ PASCOAES, Teixeira, in LOURENÇO, Eduardo, *O Labirinto da Saudade*, Gradiva, Lisboa 2012, p. 101.

³³⁸ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op.cit., pp. 76-80.

³³⁹ PIÑEIRO, em resposta a QUEIRUGA, Andrés T., *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op. cit.

³⁴⁰ QUEIRUGA, *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op. cit.

«O que é o homem?» pergunta-se, afinal, nesta peça de Beckett e para tentar uma resposta deve ser incluída a dimensão do sentimento, especificamente a do sentir-se e sentir a singularidade ontológica³⁴¹. No discurso proferido por Andrés T. Queiruga em 1980 aquando da sua admissão na Real Academia Galega, e referindo uma aproximação a Paul Ricoeur (em «Finitude et culpabilité. I L’homme faillible» (Paris 1960)) lemos o sentimento como uma simultaneidade de intencionalidade («visée») e de afecção do eu, onde a diferença sujeito/objecto fica, por isso, dissolvida. Esta percepção da dissolução só pode ser atingida indirectamente, pré-objectivamente pelo sentimento. Estragon e Vladimir podem ser, na minha interpretação, um exemplo da expressão dessa dissolução da dualidade sujeito/objecto: eles são (n)a espera por «Godot»³⁴².

Ser e estar «à espera da noite, à espera do Godot, à espera de... à espera.»³⁴³

O valor inestimável de «Godot» está precisamente na sua ausência. É por sentirmos a sua ausência e, ainda, é por nos sentirmos nessa ausência que ensaiamos o indeterminado. O concreto, o objectivo, o aqui e o agora não são suficientes para uma compreensão integradora de nós mesmos, do ser humano, do ser.

Também na expressão artística em dois actos podemos sentir que há um «para lá de» que nos perturba e pelo qual extravasamos do próprio corpo, que nos mobiliza num ir e voltar em paisagens labirínticas e de saudade. Sentimos a tensão dum infinito imerso no sangue e na carne da finitude e também, por isso, sentimo-nos disponíveis para esperar.

Dar sentido à ausência é também dar sentido a nós mesmos. À construção dum sentido comparece a saudade como sentimento do dinâmico viver entre angústia e esperança que reverbera em cada interior humano. É ainda a saudade que evidencia uma sentida consciência da ausência de nós a nós mesmos. Somos essencialmente inacabados e o fazer-se é indissociável do sentir-se.

Não estamos certos, como não estão os personagens, de que «Godot» cumpra o combinado; afinal, ele é o desconhecido ou está irreconhecível. Podemos ficar convictos apenas de que a espera é uma necessidade e não uma mera contingência.

³⁴¹ PIÑEIRO, *Filosofia da Saudade*, op. cit., p. 36.

³⁴² QUEIRUGA, Andrés T., *Nova Aproximacion a Unha Filosofia da Saudade*, op. cit. - «A vivência transcendente da saudade responde justamente a esse estado extremo: a presença pre-sentida, mas não disponível; a ausência que é fugaz, mas que leva nas entranhas promessa de presença e plenitude. Estar saudoso é estar nesse intermeio dinâmico, sentir-se nesse nada abissal que desde a raiz do ser se bate com irresistível mas ameaçada promessa, prestes a resolver-se em plenitude feliz ou em nada angustiante.»

³⁴³ BECKETT, *À Espera de Godot*, op.cit., p. 103.

As conclusões são amiúde imobilizantes, por isso deixo perguntas. Se «Godot» vier (materializado ou não) reconhecerá, por sua vez, que é esperado e reconhecerá quem o espera? Não passará ele indiferente a Vladimir e a Estragon e aos que o aguardam «há um milhão de anos»³⁴⁴? E se assim passar, como reagirão? Em que sentimentos irão alicerçar a invenção de sentidos outros?

Referências bibliográficas

- BECKETT, Samuel (2015) [1952], *À Espera de Godot*, Lisboa: Cotovia.
- COELHO, Eduardo P. (2010), *A poesia ensina a cair*, Lisboa: INCM.
- GOMES, Pinharanda (1987), *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa: Dom Quixote.
- LOURENÇO, Eduardo (2012), *O Labirinto da Saudade*, Lisboa: Gradiva.
- NATÁRIO, Celeste (2010), *Teixeira de Pascoaes Saudade, Física e Metafísica*, Sintra: Zéfiro.
- PIÑEIRO, Ramón (1984), *Filosofia da Saudade*, Vigo: Galaxia.
- QUEIRUGA, Andrés T. (1980), *Nova Aproximacion a unha Filosofia da Saudade*, Vigo. URL: <https://academia.gal/documents/10157/27090/Andr%C3%A9s+Torres+Queiruga.pdf>
- STEINER, George (2012), *A poesia do pensamento*, Lisboa: Relógio D'Água.

³⁴⁴ BECKETT, Samuel, *À Espera de Godot*, op. cit., p. 16.